

RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Retorna-se ao tema de Relações Internacionais, o qual apresenta grande quantidade de conteúdos. O foco recai sobre Donald Trump. Quando se trata de Relações Internacionais, o tipo de estrutura ou de proposta que o governo Trump apresenta ao mundo constitui uma forma de induzir todos a saírem de sua zona de conforto, inclusive os Estados Unidos.

É necessária muita coragem para fazer o que Donald Trump faz, especialmente ao enfrentar a China e outros países. Contudo, observa-se que volta atrás com frequência, pois não mantém posição firme. Lança bravatas, emite ameaças e, posteriormente, recua. Dessa forma, torna-se mais simples lidar com essa figura que possui capacidade de retroceder em suas decisões.

Assim, impõe uma taxa e, em seguida, volta atrás, senta-se com o representante do Estado-nação, como no episódio em que tratou Volodymyr Zelensky de forma humilhante, indicando que este deveria “colocar-se em seu lugar”, ao lado de J. D. Vance, vice-presidente na Casa Branca, constrangendo Zelensky. Posteriormente, com o passar do tempo, retomou o diálogo, demonstrando postura muito mais simpática e amistosa em relação a Zelensky. Evidencia-se, portanto, comportamento camaleônico, na medida em que atua de acordo com os interesses do momento.

Inicia-se, então, a abordagem do tema das relações internacionais, com trânsito por diversas partes do mundo, incluindo a chamada primavera da geração Z.

A denominada primavera da geração Z relaciona-se às diferentes gerações. Considera-se pertencente à geração Z quem nasceu após 1992, especialmente após 1993 ou 1994, tal como os indivíduos mais jovens dessa faixa etária. A mãe, nascida após a Segunda Guerra Mundial, integra a geração Baby Boomer. O pai, nascido em 1979, pertence à geração X. Quem nasceu na década de 1980 insere-se na geração Y. Em seguida, situa-se a geração Z, à qual pertencem os filhos mais velhos nascidos em período mais recente, e, por fim, a geração Alpha, composta pelos mais novos, identificados como membros dessa última classificação geracional.

Torna-se necessário saber a qual geração se pertence, para que seja possível localizar-se no tempo e compreender que existem pensamentos anteriores e pensamentos desenvolvidos após o nascimento, de modo a sintonizar-se e situar-se em relação à própria geração. Tal identificação mostra-se relevante para as relações humanas.

Trata-se de uma questão de valores e de tecnologia. Em gerações anteriores, utilizavam-se LPs, como os de Elis Regina, Caetano Veloso, Xuxa e Mara Maravilha, bem como disquetes. Atualmente, LPs deixaram de ser utilizados e são considerados elementos do passado. Desse modo, impõe-se conhecer a geração a que se pertence, a fim de saber como dialogar com cada grupo geracional, não sendo adequado mencionar disquetes para alguém que jamais teve contato com esse objeto.

Retomando a exposição, verifica-se que a geração Z tem promovido profundas transformações. Os mais jovens têm derrubado diversos presidentes, monarcas e primeiros-ministros. Em mais de dez países, no ano de 2025, chefes de Estado foram afastados em razão de manifestações e de numerosos protestos liderados pela geração Z.

Relata-se que, no Nepal, dentro do palácio, a primeira-dama foi morta, alguns ministros foram capturados, amarrados em praça pública e apedrejados, e todo o ocorrido foi filmado e transmitido ao vivo pelo TikTok. Um dos principais motivos para a população jovem do Nepal ter derrubado o presidente consistiu na ordem por ele dada de suspender o TikTok. Quando os mais jovens tentaram acessar as redes sociais e perceberam que não havia acesso, desencadearam intensos protestos e atos de destruição.



5m

Registra-se que situações semelhantes ocorreram também no Quênia e no Peru. No caso peruano, um dos motivos para a queda de Dina Boluarte foi o fato de ter se afastado por alguns meses para realizar uma cirurgia no nariz. Questionava-se a ausência da presidente e, ao retornar com aparência modificada, surgiram críticas de que o afastamento se destinara a fins estéticos. Alegou-se tratar-se de correção de desvio de septo, mas a população recebeu tal justificativa com reprovação, razão pela qual Dina Boluarte deixou de ocupar a Presidência do Peru, em decorrência da pressão popular.

Assinala-se, ainda, que episódios de instabilidade também foram verificados no Nepal e em Madagascar, conhecida como “Ilha do Amor”, onde o presidente precisou fugir, bem como em Marrocos, em que o governante igualmente teve de deixar o poder.

Por fim, destaca-se que o ano de 2026 será ano de Copa do Mundo, com sede compartilhada entre Estados Unidos, Canadá e México. Em 2030, a Copa do Mundo ocorrerá em Portugal, Espanha, Marrocos, Argentina, Paraguai e Uruguai, com a realização de jogos em diferentes continentes, o que suscita dúvidas quanto à forma de organização. A Copa de 2030 marcará o centenário da Copa do Mundo.

Prevê-se a realização de jogos no Uruguai, onde ocorreu a primeira Copa do Mundo. Afirma-se que não haverá jogos apenas no Uruguai, mas também no Marrocos, em Portugal, na Espanha, na Argentina e no Paraguai, segundo a insatisfação manifestada pela juventude marroquina, que proclama que não haverá Copa, questionando a utilização de recursos públicos em reformas relacionadas ao evento enquanto a população permanece sem oportunidades. Indaga-se sobre a ausência de empregos e de apoio estatal. Citam-se Marrocos, Madagascar, Quênia, Nepal e Peru, entre outros, indicando-se que a lista de países em que essa insatisfação se manifesta é extensa, ficando a indicação pormenorizada desses países para momento posterior, em que serão especificados aqueles cujos governos vêm sendo derrubados pela juventude.

Em seguida, passa-se à análise de Vladimir Putin. Não há como tratar de relações internacionais sem iniciar pela guerra da Rússia contra a Ucrânia, conflito que já se prolonga por mais de três anos e que produz impactos para todos os países do mundo, pois Rússia e Ucrânia mantêm ampla inserção comercial. A Ucrânia exporta trigo para diversos mercados, enquanto a Rússia exporta petróleo, gás, carvão e fertilizantes, o que evidencia repercussões globais desse confronto.

A Europa, em especial a Dinamarca, acusa a Rússia de utilizar drones para monitorar quartéis militares. Segundo o governo dinamarquês, foram identificados diversos drones não identificados, sem origem declarada, sobrevoando regiões estratégicas e sensíveis para a segurança nacional. Menciona-se, ainda, informação relativa a testes de novo drone nuclear pela Rússia, apenas para ilustrar o contexto em que os países europeus formulam acusações de que o território europeu vem sendo monitorado por drones russos.

Constata-se que a situação entre Rússia e Ucrânia permanece extremamente delicada. Donald Trump foi eleito prometendo encerrar essa guerra em 24 horas, promessa que não se concretizou.

Donald Trump recebeu Vladimir Putin no Alasca com honras oficiais, em encontro marcado por elevado grau de pompa, realizado em território que já foi russo e que foi vendido aos Estados Unidos no final do século XIX. Nesse encontro, em solo alasquiano, foram negociados pontos importantes entre os dois países.

No que se refere às condições para pôr fim à guerra, indica-se que Putin exige o reconhecimento da Crimeia, que alega já lhe pertencer, bem como das regiões de Luhansk, Donetsk, Zaporizhzhya e Kherson, como parte de suas reivindicações territoriais. Pretende-se obter todas as áreas que os soldados russos já tomaram.

A Ucrânia recusa, afirmando tratar-se de exigência excessiva. A Rússia sustenta que a pretensão corresponde exatamente ao território já ocupado. A Ucrânia mantém a negativa e solicita ajuda dos Estados Unidos, questionando se os demais países permitirão tal avanço. A situação apresenta-se complexa. Posteriormente, serão analisadas questões que explicam por que a guerra começou e que esclarecem a importância desses dois países.

Destaca-se que a Europa Ocidental, especialmente o bloco econômico da União Europeia, encontra-se tomada pelo temor em relação à Rússia. A União Europeia entende que os russos não devem encerrar a ofensiva na Ucrânia e tem convicção de que, após o território ucraniano, é altamente provável que avancem sobre a área da Polônia, da Finlândia e de outras regiões adjacentes que já integram, inclusive, a União Europeia.

Por essa razão, considera-se importante que a atenção mundial esteja voltada para a Europa e que se tenha respeito pela Rússia, que não se apresenta como nação qualquer. Esse é um dos motivos pelos quais o próprio Donald Trump demonstra tanto respeito por Vladimir Putin, pois reconhece o papel da Rússia no tabuleiro de xadrez geopolítico.



10m

Vladimir Putin não age de forma leviana. Envia sinais claros à Europa e aos Estados Unidos e o último desses sinais foi o teste de um novo drone. Trata-se de equipamento que não corresponde a um drone comum, tampouco a um simples “zangão”. O termo drone significa justamente “zangão”. Contudo, não se trata de um drone aéreo, mas de um drone submarino, capaz de transportar uma bomba, razão pela qual é classificado como drone submarino nuclear. Os russos realizaram o teste de utilização dessa bomba.

Evidencia-se que, embora não houvesse bomba no teste, o experimento foi realizado e obteve êxito. Vladimir Putin assegura que o drone submarino nuclear da Rússia é imbatível.

Conforme noticiado, Rússia testou novo drone nuclear submarino ‘imbatível’, diz Putin. Rússia afirmou que o super torpedo nuclear submarino é único em velocidade e profundidade de movimento. Teste ocorreu após o país ter testado um novo míssil nuclear “Poseidon é único em sua velocidade e profundidade de movimento. Não pode ser interceptado”, disse Putin.

Como consequência, houve reação. Donald Trump reagiu, questionando os russos pelos testes com submarino, drone e torpedo, especificamente o Poseidon. Em resposta, Donald Trump declara que os Estados Unidos retomarão seus testes nucleares. O presidente dos Estados Unidos determinou que o país retome seus exercícios com armas nucleares após o anúncio do teste russo com o Poseidon.

Registra-se que, desde 1992, no governo de George H. W. Bush, sucedido por Bill Clinton, os testes nucleares encontravam-se interrompidos. Ressalta-se, então, que ensaios nucleares voltam a ser realizados ou anunciados. Pelo menos a Rússia já se encontra em fase de execução de testes nucleares, e os Estados Unidos afirmam que não ficarão atrás. Os Estados Unidos, sob a presidência de Donald Trump, declararam que também já estão providenciando novos testes.

Dessa forma, torna-se importante manter atenção à questão nuclear. Quando se trata da Europa, da Rússia e dos Estados Unidos, há preocupação com a inovação tecnológica militar, articulada às questões relativas à guerra entre Rússia e Ucrânia.



15m



DIRETO DO CONCURSO

01. (EVO CONCURSOS/PREFEITURA DE ROMELÂNDIA-SC/VIGIA/2025) A guerra entre a Rússia e a Ucrânia, iniciada no ano de 2022, teve e tem o propósito de:

- a) combater a aproximação ucraniana com as potências ocidentais.
- b) combater a aproximação russa com as potências orientais.
- c) combater o avanço tecnológico da Ucrânia.
- d) combater o monopólio russo do gás como fonte energética.



A Rússia afirma que invadiu a Ucrânia porque o governo de Volodymyr Zelensky é neonazista. Segundo Vladimir Putin, Volodymyr Zelensky é neonazista e, de acordo com sua narrativa, a elite do exército ucraniano utilizava o símbolo do sol negro, associado ao neonazismo. Assim, segundo Putin, os ucranianos seriam neonazistas. Ainda conforme Putin, a Ucrânia pretende ingressar na OTAN, aproximando-se dos Estados Unidos e da Europa Ocidental e, segundo a Rússia, a Ucrânia também deseja entrar na União Europeia. Nada disso seria admitido, uma vez que a Ucrânia possui vínculos profundos com a Rússia, inclusive fronteiriços.

02. (IESES/TJ-TO/TITULAR DE SERVIÇOS DE NOTAS E DE REGISTROS/PROVIMENTO/2022)

Em relação ao atual conflito entre Rússia e Ucrânia é correto afirmar:

- I – Os primeiros ataques das forças russas foram à cidade ucraniana de Lviv, nos arredores da Capital Kiev.
 - II – As regiões de Luhansk e Donetsk, situadas a leste da Ucrânia, fazem parte da área de Donbass.
 - III – A siderúrgica Azovstal, alvo de ação militar russa, está situada na cidade de Kherson.
 - IV – Entre as razões apontadas pela Rússia para a invasão à Ucrânia está a defesa dos cidadãos russos, ou com raízes russas, das regiões separatistas do leste da Ucrânia.
- a) Apenas os itens I e IV estão corretos.
 - b) Apenas os itens II e III estão corretos.
 - c) Apenas os itens II e IV estão corretos.
 - d) Apenas os itens I e III estão corretos.



I – Os primeiros ataques ocorreram na Crimeia, em 2014. Em 2022, os primeiros ataques se deram em Donbass, na região de Luhansk e Donetsk. A Rússia invadiu a Ucrânia avançando gradualmente pelo território ucraniano, sem atacar inicialmente a capital. As primeiras regiões atacadas, excetuando-se a Crimeia, foram aquelas que fazem fronteira com a Rússia. As tropas russas foram avançando até chegarem à capital Kiev, que, inclusive, já foi capital da Rússia. Nesse contexto, sustenta-se, na narrativa russa, arrependimento pela separação ocorrida com o fim da União Soviética e pelo fato de a Ucrânia ter-se tornado independente, bem como pelo fato de a Crimeia ter sido cedida à Ucrânia. Diante da alegada ruptura dessa “amizade”, reivindica-se a devolução da Crimeia.

III – A siderúrgica de Azovstal, empresa de grande produção de aço na Ucrânia, situa-se em Maripú. A questão mencionava que estaria localizada em Kersen, pois não se localiza em Kersen, mas em Maripú.



03. (INSTITUTO DARWIN/CÂMARA DE LAGOA DO CARRO-PE/AUXILIAR DE SERVIÇOS GERAIS/2025) Em 2025, o conflito entre Rússia e Ucrânia continua a impactar a economia global. Um dos efeitos mais sentidos internacionalmente é:

- a) A escassez de petróleo na África.
- b) O fortalecimento do euro frente ao dólar.
- c) O aumento do preço dos alimentos e da energia na Europa.
- d) A redução dos investimentos em tecnologia de ponta.



- c) O aumento de preços recai, sobretudo, sobre os alimentos derivados do trigo e sobre a energia em função do gás russo.
- d) Não havendo redução dos investimentos em tecnologia de ponta, pois a guerra, ao contrário, impulsiona o avanço tecnológico.

Essas questões ilustram a forma como a guerra entre Rússia e Ucrânia se estrutura, permitindo compreender o momento em que teve início, em fevereiro de 2022, e as razões apresentadas para a invasão. A Rússia pretende deter a aproximação da Ucrânia com as potências ocidentais, impedir a entrada da Ucrânia na OTAN, sustenta que está defendendo cidadãos russos ou descendentes de russos no leste ucraniano e argumenta que Volodymyr Zelensky é neonazista.

Os impactos globais incluem elevação do preço de alimentos, especialmente do trigo, e efeitos sobre a venda de gás, petróleo e fertilizantes. Exige-se a compreensão geral desse quadro, bem como o conhecimento das regiões que Vladimir Putin reivindica para encerrar a guerra. Ressalta-se que Volodymyr Zelensky reúne-se constantemente com Donald Trump, inclusive na Casa Branca, em diversas ocasiões.

Deveria ter ocorrido eleição na Ucrânia no ano anterior, o que não se concretizou em razão da decretação de lei marcial e de situação de emergência por Zelensky, o que levou à ausência de pleito e à sua recondução ao poder, suscitando debate sobre a legitimidade da permanência no cargo e a necessidade de consulta à população.

Informa-se também que a Ucrânia encontrou um “tesouro” contra a Rússia em local inesperado, com utilização de locais secretos de filmagem e criatividade industrial transformada em poderio estratégico, tornando-se ator militar fundamental. Destaca-se que, na guerra entre Rússia e Ucrânia, consolida-se o conceito de guerra híbrida. Ainda que não seja fenômeno inteiramente novo, caracteriza-se a guerra híbrida por não se limitar ao ataque exclusivamente militar.

Registra-se que a Rússia está atacando usinas nucleares, usinas hidrelétricas e a infraestrutura de internet, derrubando conexões e sistemas. Aponta-se que o conflito entre Rússia e Ucrânia não resultou apenas de uma tensão política histórica entre presidentes, mas envolve nova forma de enfrentamento. Indaga-se, então, como funciona a guerra híbrida da Rússia e o que seria essa guerra híbrida que possivelmente já vem sendo travada entre Rússia e Europa.

Relata-se que a Rússia teria acionado a China, cujo navio passou com a âncora arrastando por 160 quilômetros, de modo que o navio chinês avançou com a âncora e esta foi rompendo todos os cabos de internet no Mar Báltico, deixando sem conexão países como Letônia, Estônia, Finlândia e parte da Alemanha. A população desses países passou a questionar o ocorrido e se informou de que um navio chinês havia rompido os cabos de internet. Caracteriza-se tal conduta como guerra híbrida.

A preocupação com a ameaça russa intensificou-se em setembro, quando uma série de países europeus relatou violação de seus espaços aéreos por drones. Considera-se essa estratégia uma espécie de terror psicológico, ao se enviar drones para sobrevoar áreas sensíveis, o que também é classificado como guerra híbrida. Assim, não se permanece apenas na linha de frente, mas se promove ataque pelos flancos. Alega-se, ainda, da parte russa, que haveria espiões prontos para agir e que cabos de internet poderiam ser rompidos, o que evidencia nível elevado de vulnerabilidade.



Menciona-se, em tom de alerta, que os cabos de internet que chegam ao Brasil entram pela Praia do Futuro, em Fortaleza, o que suscita preocupação quanto à possibilidade de rompimento desses cabos. Ressalta-se que, no Mar Vermelho, o grupo Houthi, classificado como grupo terrorista financiado pelo Irã, também lançou âncora e rompeu cabos de internet, confirmando que tais cabos ficam instalados no fundo do mar, o que demonstra a exposição das comunicações globais.

Em seguida, retoma-se a figura de Donald Trump e a de Xi Jinping, em contexto de tensões envolvendo soja, terras raras e tarifas, sendo as terras raras classificadas como minérios críticos. Informa-se que reunião entre ambos ocorreu no final de 2025, na Coreia do Sul, local neutro escolhido para que as partes se sentissem mais à vontade, sem receber oficialmente um ao outro em seus respectivos territórios.

Na Coreia do Sul, Donald Trump reduziu as taxas impostas à China, porque a China adotou postura rígida e deixou de vender terras raras para os Estados Unidos. A China possui a maior reserva de terras raras do mundo e, há duas décadas, elaborou todo o seu plano estratégico, enquanto os Estados Unidos permaneceram inertes, ao passo que a China já havia se antecipado.

Em seguida, enfatiza-se a importância das terras raras e questiona-se, após a China, qual país detém a segunda maior reserva. Indica-se que esse país é o Brasil. Questiona-se se o Brasil está preparado, mencionando-se que o presidente Lula afirma que pretende estudar melhor as terras raras para evitar ser passado para trás. Indaga-se, então, se o Brasil realmente está preparado e se está capacitado para explorar e negociar as terras raras, ressaltando-se que o país detém a segunda maior reserva de terras raras do mundo.

O tema não envolve apenas terras raras, mas também alguns elementos e substâncias químicas. Menciona-se que seriam 17, ou possivelmente 12 elementos químicos da tabela periódica, ou dois, indicando-se a necessidade de posterior verificação. Reitera-se a existência de terras raras no Brasil, conclamando-se, em tom crítico, a que o país “acorde”. Afirma-se que o Brasil detém a segunda maior reserva de terras raras do mundo, com 23%, localizadas em Minas Gerais, não apenas em Poços de Caldas, mas também no Vale do Jequitinhonha, em regiões pobres do estado, no sertão mineiro. Esclarece-se que, nessa região, não se utiliza apenas a denominação “mineiro”, mas “geraizeiro”, referindo-se ao habitante das Gerais.

Aponta-se que Elon Musk já teria tomado conhecimento desse potencial e adquiriu área para explorar lítio, indicando-se que não age de forma ingênua. Menciona-se que as terras raras dos estados brasileiros apresentam potencial para a presença de minerais e que grande parte dessas terras raras se encontra em terras indígenas. Questiona-se como será possível negociar com as comunidades indígenas sem usurpá-las e sem removê-las de seus territórios, reconhecendo-se a existência de problemas nessa relação.

Conforme o Serviço Geológico dos Estados Unidos, são eles que dispõem desses dados, e não o próprio Brasil. Os Estados Unidos afirmam que o Brasil possui cerca de 21 milhões de toneladas de terras raras, o que o coloca como a segunda maior reserva mundial. O Brasil sequer tinha plena consciência dessa condição, mas confirma-se a informação fornecida pelos Estados Unidos de que o Brasil ocupa a segunda posição.

Ressalta-se, assim, que Donald Trump tem interesse em dialogar com o Brasil. Informa-se, ainda, que a Ucrânia também possui terras raras, o que justificaria o interesse de Trump em relação a esse país, cogitando-se a possibilidade de reconstrução do território ucraniano em troca do acesso às reservas de terras raras, mediante assinatura de acordos.

Por fim, destaca-se a importância da soja, indicando-se que há grande produção tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil, sendo ambos apontados como os dois maiores produtores de soja do mundo.

Registra-se que a soja produzida nos Estados Unidos tinha como principal destino a China. Contudo, a China deixou de comprar soja norte-americana e passou a buscar fornecedores na Argentina e no Brasil, o que gerou insatisfação entre os produtores rurais dos Estados Unidos. Estes passaram a reclamar junto a Donald Trump, relatando que, ao tentarem vender soja para a China, receberam negativa e passaram a questionar para quem vendê-la, evidenciando a complexidade da situação.

Os pecuaristas norte-americanos também manifestaram preocupação quando Donald Trump declarou que deixaria de comprar carne do Brasil para adquirir carne da Argentina, pois tal decisão prejudicaria diretamente o setor pecuário interno. Dessa forma, reforça-se que todas essas movimentações se inserem na lógica dos negócios internacionais.

Antes da conclusão, destaca-se a figura de Joesley Batista, empresário de Anápolis, ligado ao grupo JBS Friboi. Nenhuma pessoa física doou mais dinheiro, individualmente, para a campanha de Donald Trump do que Joesley Batista. Elon Musk teria realizado doações na condição de empresa, enquanto, como pessoa física, o maior doador foi Joesley. Este enviou recursos para a posse de Trump, para a campanha eleitoral e comunicou ao então presidente, nos Estados Unidos, a intenção de abrir uma fábrica de celulose em território norte-americano.

Menciona-se, ainda, de forma crítica, que Donald Trump teria passado a priorizar o diálogo com o presidente Lula, deixando Jair Bolsonaro em segundo plano, sendo este figurado como esquecido no cenário dessas negociações.

GABARITO

01. a

02. c

03. c

Este material foi elaborado pela equipe pedagógica do Gran Concursos, de acordo com a aula preparada e ministrada pela professora Rebecca Caroline Rocha de Souza Guimarães.

A presente gravação tem como objetivo auxiliar no acompanhamento e na revisão do conteúdo ministrado na videoaula. Não recomendamos a substituição do estudo em vídeo pela leitura exclusiva deste material.
